

**PALAVRA, PODER E FÉ:
ORAÇÕES COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA ESCRITA**

WORD, POWER, AND FAITH:
PRAYERS AS SOURCE FOR THE HISTORY OF WRITING

Marcelo Sabino Martins | [Lattes](#) | marcelo.sabino.martins@gmail.com
Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo: Este texto tem como principal objetivo apresentar possibilidades outras de trabalhar com a palavra escrita como fonte para a História, seja da própria Escrita, Leitura ou da Linguagem. Sugere-se um novo “olhar” para a palavra escrita tentando “ver” além do seu significado literal, transpor as fronteiras impostas pelas linhas do papel; e navegar pelo campo das representações, buscando sentidos reais/históricos ou imaginários. Parte-se de fontes escritas carregadas de sentidos e de representações: orações manuscritas. É a partir dessas orações que se tenta pensar nos seus muitos e possíveis significados e apropriações.

Palavras-chave: História; Escrita; Leitura.

Abstract: This text has as main objective to present other possibilities of working with the written word as sources for History, be it Writing, Reading or be it Language. We suggest a new “look” for the written word trying “to see” beyond its literal meaning, transposing the boundaries imposed by the lines of paper; and browsing the field of representations, seeking real/historical or imaginary senses, from written sources loaded with meanings and representations: handwritten prayers. From these prayers, we try to think of their many and possible meanings and appropriations.

Keywords: History; Writing; Reading.

É o principal objetivo deste texto apresentar possibilidades outras de trabalhar com a palavra escrita e seus suportes como fontes para a História, seja da própria História da Cultura Escrita, da Língua/Linguagem etc. Consiste em observações para um outro “olhar” para a palavra escrita além do seu significado literal, tentar preencher vazios sub-

jetivos, que transbordam as linhas do papel e invadem o mundo das representações, de contextos e sentidos reais/históricos ou imaginários.

Para tanto partimos da análise de fontes escritas carregadas de sentidos e subjetividades como podem ser consideradas as orações manuscritas. A partir de orações, propomos pensar nos possíveis significados e apropriações da palavra escrita. Procurar refletir sobre alguns pontos necessários quando se tem como *corpus* textos de orações. Desta forma, pensar, por exemplo, sobre o poder atribuído às palavras escritas em papéis em um *ethos*¹ “sagrado” por moradores do interior da Ilha de Santa Catarina na década de 1960.

Refletir e discutir o quanto a palavra escrita, pensada apenas em sua forma gramatical e sintática, por si só, não basta para entender o que se lê. É preciso, também, contextualizar quem escreve, quando escreve, por que escreve, o que e quem escreve ou lê, a forma como escreve, o suporte utilizado para a escrita (máquina de escrever, computador, manuscrito), entre outras dimensões da História da Cultura Escrita. Estes são quesitos indispensáveis para a construção de uma História da Cultura Escrita, da Língua, da Linguagem, da Leitura, entre outros temas.

Compõem o *corpus*, para este texto, 33 (trinta e três) orações escritas que pertenceram a moradores do interior da Ilha de Santa Catarina entre as décadas de 1950-1980. Estes moradores as traziam junto de si, bem dobradas, guardadas em carteirinhas, acreditando que estes pedaços de papel escritos possuíam poderes protetores/curadores. Imaginavam que, ao portarem estas orações, estariam protegidos dos mais diversos males: de mordida de cobra a armas de fogo.

É aventada a possibilidade de uma apropriação particular e privada da “palavra de Deus”, das leituras da bíblia, livro bastante comum e conhecido entre os moradores do interior da Ilha de Santa Catarina, parte insular do município de Florianópolis.

As orações escritas, carregadas pelos moradores do interior da ilha, podem aqui ser consideradas uma maneira desviante do uso da palavra escrita, praticada por devotos da fé cristã católica. Outras apropriações da palavra escrita podem ser encontradas nos mais diferentes lugares e tempos, a que ora apresentamos representa uma das muitas possibilidades dessa apropriação, não significa que seja a única, é o campo da História da Cultura Escrita, eivado de possibilidades.

Práticas e representações têm significados cambiantes e apresentam-se de formas distintas de acordo com o tempo ou mesmo com a finalidade a que se prestam. A escrita, a linguagem, a leitura; podem apresentar significações plurais. Muitas palavras, ao lon-

¹ Por *ethos* de um povo, pode-se entender o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. (GEERTZ, 1989, p. 143).

go do tempo e do espaço geográfico, tiveram seus significados e sentidos modificados, a exemplo do verbo “salvar”.

Algumas palavras bastante utilizadas pela Igreja, como “salvo” ou “salvação”, apresentam significados que muitas vezes adquiriram diferentes sentidos ao serem copiadas, escritas, lidas ou ditas por fiéis ao longo do tempo.

A palavra usada no Novo Testamento para “salvo” é um verbo grego que significa “redimido”, “preservado” ou “**curado**”.

Um conceito básico do cristianismo é que o homem não pode salvar a si mesmo. A salvação é dada livremente ao homem se ele acreditar em Cristo e em sua expiação. “Pela graça fostes *salvo*, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus”, diz Paulo à Igreja de Éfeso (Efésios 2,8). (GAARDER et al, 2000, p. 167)

O próprio Jesus é representado no Novo Evangelho como aquele que cura em nome de seu Pai, Deus. É grande o número de passagens em que são atribuídas a Jesus Cristo a cura de vários doentes, sendo uma das primeiras passagens a abaixo transcrita:

20. Jesus cura o filho dum oficial régio

Evangelho do XX domingo depois de pentecostes.

São João 4, 46-53

1. Cura do jovem. – Naquele tempo, havia em Cafarnaum um régulo, cujo filho se achava doente. Este, tendo ouvido que Jesus voltara da Judéia para a Galileia, foi ter com ele e lhe rogou que fosse a sua casa para curar seu filho, que estava prestes a morrer. Disse-lhe Jesus: “vós, enquanto não virdes sinais e prodígios, não credes”. Respondeu-lhe o régulo: “Senhor, vem, antes que meu filho morra”. Disse-lhe Jesus: “Vai, teu filho vive”.

2. Fé do pai – Creu o homem na palavra de Jesus: “Vai, teu filho vive”. E quando ia descendo, vieram-lhe ao encontro os criados e lhe notificaram que o filho vivia. Perguntou-lhes ele a hora em que tinha começado a melhorar. Responderam-lhe: “Ontem à sétima hora a febre deixou-o”. Reconheceu então o pai que era a mesma hora em que Jesus lhe havia dito: Teu filho vive. E creu ele e toda a sua família. (HEUSER, 1956. p. 173-174)

Colige da leitura do texto que foi a fé do oficial régio na palavra de Jesus que curou o filho enfermo. Deste feito o exercício do poder da cura estaria na fé do seguidor: “creu o homem na palavra de Jesus”, e este teve o filho curado. Seria, como se pode deduzir, a confiança na palavra sagrada, escrita ou pronunciada, como sendo capaz de curar.

Cita-se tal passagem do livro sagrado, apenas como exemplificação de trechos de leituras, realizadas, ou mesmo possivelmente ouvidas pelos fiéis, moradores do interior da Ilha de Santa Catarina. Os possuidores das orações escritas, aqui analisadas, tinham

como hábito ler ou ouvir a trechos da bíblia, livro bastante presente em suas residências. Possuíam bíblias, cadernos de catequeses, por nós analisados, muitas marcas de leitura, páginas gastas, e regiões escuras nas extremidades, o que pode induzir que eram bastante lidos, utilizados. Assim, não é de se espantar a crença que tinham os moradores da ilha, no poder protetor/curador/salvador das orações escritas.

Este universo, além-texto escrito evidenciado pelas leituras, pode contribuir para possíveis significados ou sentidos atribuídos às palavras ditas sagradas dos textos das orações, sentidos outros como o de que é capaz de curar, de “salvar” aquele ou aquela que as possui ou delas tem conhecimento, tal como crido pelos possuidores das orações por nós analisadas, por exemplo.

O mundo da leitura subjacente ao da escrita consiste em um dado importante para quando se trabalha com a escrita ordinária (escritas de pessoas comuns, que não têm a intenção de registro histórico, como o são as orações). Observar ou tentar se aproximar do que elas leem ou ouvem, é fundamental, pois pode contribuir para uma melhor compreensão do seu universo mental e das apropriações que fazem da palavra escrita e seu suporte.

Para o caso dos nossos autores/possuidores das orações manuscritas, a internalização dessa consciência de confiança, de fidelidade da palavra *fides* [fé], (escrita ou pronunciada) por Jesus Cristo, como faz crer a bíblia bastante lida por eles, consiste num dos (senão o maior), desafio da(s) Igreja(s) Cristãs de um modo geral. Tanto que são muitas as religiões cristãs que apostam maciçamente na propagação dos ensinamentos cristãos, quer por meio da catequese, das leituras dos salmos, dos sermões dos padres/pastores/líderes religiosos nos encontros, nas casas, nos cultos, nas missas, nas peregrinações para a propagação da palavra de Deus e de Cristo etc. Os apóstolos são emblemáticos nessa tarefa, (e até certo ponto, servem de exemplo aos fiéis) sobretudo ao que se refere à produção de um sentido de *veritá* (verdade) e de força atribuídos às Palavras do Senhor Jesus Cristo, segundo suas crenças.

As três maiores religiões monoteístas do mundo foram e ainda são primorosas no tocante ao valor atribuído à palavra dita/escrita. Basta apenas citar o poder que possuem as Sagradas Escrituras para o Judaísmo, a importância vital do Corão para o Islã ou o valor da Bíblia Sagrada para o Cristianismo. Tais exemplos são trazidos para pensarmos sobre o poder atribuído à palavra escrita/falada num universo religioso bastante permeado pela fé, como nos parece ser o mundo dos possuidores das orações manuscritas do interior da Ilha de Santa Catarina, de cinco décadas atrás.

Outro elemento importante a ser levado em conta é a relação entre escrita e oralidade. O (re)produtor da prece escrita, ao que tudo indica, parece ter passado, em algum momento pela oralidade. Acredita-se que tais textos que consubstanciam as orações carregadas pelos ilhéus, em algum momento foram transformados de sons (oralidade) para símbolos gráficos (letras).

Se é verdade – e é-o – que “a escrita nunca pode prescindir da oralidade”, como também acontece que qualquer texto decorre sempre de outro texto – intertextualidade – que leva consigo, incorporadas, vestígios do real – contextualidade –, a partir de uma perspectiva histórico-antropológica, a questão das relações entre oralidade e escrita deve ser vista como um processo de ganhos e perdas, de trocas, transformações e efeitos que afectam ambos os modos de expressão e pensamento. (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 8).

Se a escrita não pode ser separada, abstraída de sua oralidade, como escreve (VIÑAO FRAGO, 2001), as preces escritas utilizadas para proteção e cura pelos moradores da Ilha de Santa Catarina, não elidem as práticas de cura por meio de benzeduras e rezas típicas do uso da palavra dita, pronunciada. Pelo contrário, com elas mantêm uma estreita relação. É o que permite deduzir a constatação de semelhanças entre a oração escrita e as rezas oralizadas, qual seja: a prática de trazer consigo a palavra escrita em orações e a prática das benzeduras.

Numa das orações cujo título é “Oração de S. Custódio, as 13 Verdades”, o trecho, a seguir reproduzido, “treze raio tem o sol treze Raio tem a lua arrebenta-te cão-tinchozo² que esta alma não é tua!”, assemelha-se a trecho encontrado na “oração de espanta-bruxa” utilizada pelas benzedeadas e benzedores do interior da Ilha de Santa Catarina, conforme registro deixado por Franklin Cascaes na década de 1950:

[...] quer digame as 13 palavras elas ditas e retornada digo Eu que bem as seis digame 13 as treze Raio tem o Sol treze raio tem a lua arrebenta-te cão tinchozo que esta alma não é tua! (ORAÇÃO DE S. CUSTÓDIO AS 13 VERDADE, 1964)

‘Treze raio tem o Sólí, treze raio tem a Lua, sarta diabo pro inferno qu’esta alma não é tua.

Tosca marosca, rabo de rosca, vassora na tua mão, reio na tua bunda e aguiião nos teus pé. Por riba do silvado e por baxo do teiado! São Pedro, São Paulo e São Fontista por riba da casa, são João Batista. Bruxa tatara-bruxa, tu não me entres nesta casa nem nesta comarca toda, por todos os santos dos santos. Amém!’ (CASCAES, 2003, p. 37)

² Cf. Boiteux (1957, p. 27), Cão-Tinchozo é mais uma das muitas alcunhas atribuídas ao Diabo por moradores da Ilha de Santa Catarina. Optou-se por manter possíveis trocas de letras e a forma como a escrita foi encontrada no suporte.

A semelhança entre as orações é visível, embora o mesmo trecho esteja no fim de uma oração e no início da outra. Ambas remontam a luta com seres maléficos e estão relacionadas com salvar alguém da morte. A oração de São Custódio sugere um tipo de duelo travado para salvar a alma de Custódio. A frase: “Custodio Amigo meu” é repetida sistematicamente, parece ser pronunciada pelo próprio Diabo em “pessoa”, conforme registrado na oração, e respondido: “Custódio sim amigo não, Custódio há de ser *salvo* a graça de Deus assim quer”. Ao longo da oração são relevadas as treze verdades, relacionadas a alguns dogmas da Igreja Católica. Por fim é revelada a mais poderosa das verdades que é a décima terceira, que, ao ser pronunciada em voz alta, põe fim à disputa entre o bem e o mal. Se Custódio é de fato curado/salvo não é possível saber. Mas a julgar pela infalibilidade atribuída ao poder da palavra de Deus e a fé daquele que pronunciar as “13 verdades”, tal como é o *ethos* das pessoas que possuem tais orações, é bem possível que ele tenha sido curado e sua alma *salva* tal como o filho do oficial régio da passagem da bíblia citado anteriormente.

Outro personagem encontrado nas orações é Zeferino, este pertence a uma história intitulada “Balanço Bruxólico”. Zeferino já não teve a mesma sorte, bebeu “a taça do despejo com o néctar da morte”, não obstante todo o esforço e orações da “médica de sítio, a benzedeira-curandeira, a sinhá Marculina do Joronço”, (CASCAES, 2003, p. 31-38). O fato da história de Zeferino não ter tido o mesmo fim feliz, como o da história de Custódio, pode ser em razão de que Zeferino seja fruto do cotidiano, onde as coisas acontecem, onde pessoas nascem, morrem a todo tempo, fatos corriqueiros de uma gente que se conhece pelo primeiro nome, habitantes de um mesmo lugar que compartilham do mesmo tesouro chamado tradição, e que pertença ao mundo profano, mundano, real. Ao contrário da história de Custódio, encontrada na Oração das 13 Verdades, e contata pelos moradores mais velhos da ilha, que pertence ao mundo do escatológico, ao sagrado, ao mundo do imaginário, da oralidade.

Conforme se pode verificar com os próprios moradores do interior da ilha, a Oração das 13 Verdades, provém de uma história oral bastante contatada entre eles, repassada de geração em geração. Seria Custódio o décimo terceiro filho de um casal, e, não tendo mais a quem recorrer para convidar como padrinho, o pai, contrariado, teria dito a “má palavra” de que só se chamasse o Diabo para batizar o garoto, ao que a mãe pronunciou: “se for o diabo o padrinho Nossa Senhora há de ser a madrinha”. Histórias contadas pelos próprios moradores e que atribuem valor ao que é pronunciado, ao que é dito. Aqui, não só a palavra escrita adquire um *ethos* mágico, mas, também, a palavra dita, pode provocar e atrair forças, tanto para o bem, como para o mal, conforme crença popular arraigada entre os moradores do interior da Ilha de Santa Catarina.

Também pode ser que seja proposital a história de Custódio ser apresentada de forma vaga, imprecisa, distante, carregada de dogmas e preceitos. Cujas referências são fugidias, relacionando as pessoas distantes, anônimas, habitantes de terras distantes, fruto do esforço de uma produção de sentido com base na palavra escrita. Características de um lugar e de uma gente em que os sentidos foram/são construídos através da palavra falada/pronunciada, muito mais do que da palavra escrita, lida. Característica de uma cultura eminentemente oral, como demonstra ser a das comunidades do interior da ilha.

Indubitavelmente, ao se trabalhar com fontes escritas carregadas de valores simbólicos, se fará uma história de produção de sentidos. A grande questão, quando se tem interesse pela história da produção dos significados/das representações, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades de interpretação são sempre limitadas pela cultura do grupo/comunidade que a produz/representa (CHARTIER, 1999).

Na tentativa de responder à questão apresentada e traduzindo-a para os propósitos deste texto: o ofício do historiador/pesquisador da Cultura Escrita poderá ser equiparado ao de um “arqueólogo da palavra” que “escava” no texto, como se este fosse um solo fértil de vestígios, de artefatos, na tentativa de ver além da palavra escrita. Buscar vestígios ou indícios outros que o auxiliem na compreensão de um fenômeno, por vezes impreciso, impensado, desacreditado, como a crença no poder curativo atribuído pelos moradores do interior da ilha, na palavra escrita/falada.

Rastros, emblemas e sinais (GINSBURG, 1989) que possam contribuir para preencher sentidos e significados que a simples letra morta, engessada no suporte de papel, não é capaz de transmitir. Esta é um dos principais, senão o maior, desafio da atividade do historiador/pesquisador que tem como fontes textos escritos carregados de significados, como podem ser consideradas as orações manuscritas, ou tantos outros textos.

Fica, ou cabe, ainda, a seguinte pergunta: qual(is) seria(m) o(s) objetivo(s) do linguista que tem como *corpus* textos escritos tais como cartas, diários, cadernos, entre outros? Tão somente perceber formas, semelhanças ou diferenças na escrita, na sintaxe? Por certo é tal tarefa deveras importante, mas não só ela. Deve-se ir além da superfície do papel e buscar, mesmo que em parceria com a Antropologia, a Filosofia, a História, este outro universo que existe além da palavra escrita.

Vale destacar que o que permanece, o que fica e o que chega até nós, é, obviamente, apenas a materialidade física da escrita (pedaços de papéis amarelados pelo tempo, manchados de tinta, envelhecidos e gastos) contendo letras, frases, parágrafos, pontos,

vírgulas. Contudo, lê-los em sua plenitude, ou na sua essência, tentar perceber elementos intertextuais, é fundamental para o pleno trabalho do pesquisador/estudioso da palavra, escrita ou falada. Este outro universo mental é primordial, pois pode fornecer significados, dimensões, contextos, para além do texto escrito, significados e representações subjetivas, imaginárias, ricas em cor e formas. Sentidos e “leituras” que, ao serem incorporadas à intertextualidade, permitem-nos interpretar a palavra escrita como signos reais portadores de sentidos e não só letras mortas postas em seu suporte (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 17). Para tanto é necessário vincular a esta apropriação: os sujeitos responsáveis por ela; o contexto em que estão inseridos; as circunstâncias que envolvem ou envolveram a (re)produção destes textos.

Ao historiador/pesquisador da palavra deve ser possível vincular, em um mesmo projeto, o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, a história do público e da recepção (CHARTIER, 1999, p. 18).

Dessa forma, as preces escritas livre de qualquer relação com o sujeito que a (re) produziu/escreveu/copiou e a traz consigo estaria fadada a sofrer o mesmo que acontece a todo texto não lido: não existiria. A oração manuscrita isenta dessa relação entre o seu possuidor e o mundo da produção/transmissão e da apropriação, não passa de um simples pedaço de papel amarelado pelo tempo, gasto pelo uso em cujas palavras estertoram-se.

Assim, podem ser as orações escritas, vestígios, indícios que apontam para uma possibilidade, para uma “leitura” além do que realmente permanece escrito, mas daquilo que se inscreve entre as linhas, contextualmente, proporcionando interpretações de um tempo, um lugar, costumes, práticas e representações.

Há que se observar que o ato de copiar estas orações remonta a um tempo em que seu escrevente/copista se dedicava a uma prática que veio a ser conhecida como *escritura ordinária*. Tal expressão designa a escrita feita, geralmente de forma manual, palavra por palavra, sem a preocupação de publicar, mas apenas um registro pessoal, comum, da ordem do dia.

Nestes escritos devocionais, não raras vezes, são encontradas palavras sem sentido, que parecem não ter relação com o contexto, o que pode apontar para uma despreocupação com o conteúdo do que era escrito/copiado. Levando-nos a pensar que o que importava era possuir o papel com os símbolos (letras), como receptáculos de um poder divino, e não como um registro escrito de uma história, de um fato.

Outro indício pode ser a maneira como foram grafados os títulos de algumas dessas orações. Apresentando-se por vezes em letras maiores que as do texto em si, caprichosamente desenhados como que a valorizar o conteúdo que anuncia, podendo indicar para outra relação com a escrita, com o próprio tempo. O desenho caprichoso da letra dos títulos denota uma outra dimensão do tempo, havia que se dispensar um tempo relativamente grande para a lavratura das preces, o que demonstra que se deveria ter algum tempo livre.

No mesmo trecho de uma prece intitulada Oração de São Custódio, pode-se perceber a seguinte anotação: “Esta oração foi copiada no dia da sexta feira da paixão”, o que permite inferir que a cópia das orações envolvia um ritual mito-mágico cercado de crenças relacionadas aos preceitos e dogmas cristãos, numa quase confirmação de uma Igreja enquanto instituição fortemente hierarquizada, cujos devotos eram submetidos ao seu controle além das variações de manifestação religiosas que, consideradas como ignorância religiosa do povo, deveriam ser abolidas ou reelaboradas (SERPA, 1997, p. 21)

Também o texto da maioria das orações analisadas é carregado de símbolos do cristianismo, o que pode denotar esta apropriação dos símbolos e dogmas cristãos pelos moradores da ilha. O sangue de cristo, a cruz, que, ao contrário do que ela representava³, agora sofre uma nova significação e aparece constantemente nas orações. Em uma das orações, cujo título é “Oração de São Jorge”, há três cruces caprichosamente desenhadas em seu suporte. E como se não bastasse o desenho das cruces, a palavra “cruz” aparece seis vezes no decorrer de todo o texto da oração que é relativamente pequeno, 28 (vinte e oito) linhas de um suporte de papel pautado, tamanho A4.

Com a **crux** de christo vou a acompanhado com o leite da Virgem Maria estou esleurifado [...] os bons, por mim passarão os maus nem me encher-garão a **crux** de Christo está sobre mim [...], tomo a Deus por meu pai e as onze mil virgem por minhas irmãs: e os doze apóstolos Por meus irmãos, E com a chave de São Pedro seja meu corpo trancado que não seja preso nem ferido nem atentado por meus inimigos, a flontado [...] como Jesus Christo umildou-se a bela **crux** [...] Jorge pega essas 3 **crux**, que são as 3 **crux** da Santíssima trindade [...] As 3 **crux** que a de me defender e me livrar de todos mal assim seja (ORAÇÃO DE SÃO JORGE, 1962, grifos nossos)

³ A *crux* e o *patibulum* o primeiro é o tronco vertical que é fincado ao chão, o segundo é a travessa horizontal na qual ficam os braços do desgraçado crucificado. É demasiado longo, o caminho percorrido por esta invenção romana de sentença à morte e a sua transformação num dos símbolos mais conhecidos do mundo, e igualmente grande foi o caminho que o transformou de um símbolo de morte a um símbolo da vida.

O texto concernente à oração de “São Jorge” foi transcrito da mesma forma como se apresentava em seu suporte. A oração apresenta alguns desvios da norma culta da Língua Portuguesa em relação à linguagem formal. Palavras e frases que lidas apenas na dimensão gramatical não apresentam concordância, tão pouco fazem algum sentido. Contudo, ao perceber tal fato como um indício, como um sinal além-texto escrito, pode-se inferir que a oração fora ditada por alguém enquanto outra pessoa escrevia, e aquela que escreveu, o fez da forma como entendia o que estava sendo dito. Ou mesmo o próprio escrevente assim o fazia à medida que lembrava da oração, alguma vez ouvida, lida. Ou, ainda, evidencia uma falta de domínio da linguagem escrita formal por parte de seu escritor, levando a crer que aprendera a ler/escrever fora do ambiente formal. E, por fim, pode apontar para que não importava a escrita em si, mas o gesto da escrita e o material, o suporte em si, em sua dimensão sagrada, utilizado e crido como escudo para os mais diversos males.

É possível ainda, inferir relações entre regiões distintas daquelas as quais as orações escritas foram encontradas, o que pode apontar para uma circularidade da leitura, ou da prática do ato de trazer consigo orações escritas. Tal como aduz a alusão aos doze apóstolos e às virgens, mencionados em uma das orações manuscritas (Oração de São Jorge): “tomo a Deus por meu pai e as onze mil virgens por minhas irmãs: e os doze apóstolos Por meus irmãos”. Diante do enunciado, pode-se pensar que tal oração possa ter alguma ligação com as mesmas orações que eram rezadas/trazidas pelos protagonistas da Guerra do Contestado (1913-1916), ocorrida no meio oeste da então província de Santa Catarina (AURAS, 1995).

Entre outros motivos, rezava-se para amainar suas dificuldades, entre elas a doença e a miséria. Ainda mais se for levado em conta que tanto na região do Contestado⁴ como aqui no interior da Ilha Capital, rezava-se com os mesmos objetivos:

As orações do caboclo tinham relação direta com sua situação de vida. Rezava, então, para obter melhoras diante dos seus problemas de saúde, rezava para obter proteção contra os inimigos e para livrar-se da tentação do demônio. (SERPA, 1997:66)

Outro indício são as semelhanças entre os textos, conforme verifica-se na oração abaixo transcrita, que era muito utilizada entre os “caboclos” da região do Contestado. Segundo o autor:

⁴ Importante ressaltar que assim como Canudos, outra revolta desse período, foi a crença num curandeiro, que manteve os revoltosos unidos, ver a esse respeito: (GALLO, 1981)

Oração a São Romão: Valha a cruz, a bela cruz e a espada sagrada e a hóstia consagrada e o santo anjo da minha guarda, meu gloriosos São Romão, me livrai do bicho achado com malha de cão danado, dos vivos de mau encontro, dos mortos de melancolia, vos ofereço rezar um Padre Nosso com Ave Maria oferecido ao gloriosos São Romão e Santíssima Trindade. (SERPA, 1997:67)

Por fim vale destacar que, embora tenha havido um empenho da Igreja Católica numa manutenção de uma pedagogia da palavra de “Deus”, segundo a fé cristã católica, sobretudo por meio da distribuição e divulgação de orações escritas, esta mesma palavra fora apropriada de forma diferente pelo cristão católico do interior da Ilha de Santa Catarina, e mesmo os moradores da região do Contestado, numa forma de devoção pessoal. Ao que indica a análise histórica das orações manuscritas encontradas com moradores do interior da Ilha de Santa Catarina e interior do Estado de mesmo nome, demonstram que foram copiadas e apropriadas de maneira particular por cada fiel, ainda que o ato de copiar fosse também uma maneira de se apropriar do livro, num ato pleno de sentido como uma prática, também, de curar-se, de se expurgar possíveis pecados ou males, como acreditavam os possuidores das orações, num ato de “devoção privada” (SAENGER, 1998).

Assim, para os muitos significados de escrever, ao analisar orações manuscritas e considerá-las como fontes para uma História da Cultura Escrita, podemos acrescentar, ainda, o sentido de cura, o de proteção. Ao menos é o que nos leva a pensar a análise histórica das orações manuscritas carregadas por pessoas comuns, no interior da Ilha de Santa Catarina e interior do Estado.

Bibliografia

AURAS, M. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.

BOITEUX, L. A. *Poranduba Catarinense*. Florianópolis: Comissão Catarinense de Cultura, 1957.

CASCAES, F. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. v. I. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do navegador ao leitor*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

GAARDER J. et al. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALLO, I. *Contestado: o sonho do milênio igualitário*. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

GINZBURG, C. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carom. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989,

HEUSER, O. F. M. *História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1956.

SAENGER, P. Rezar com a boca, rezar com o coração os livros de horas: do manuscrito ao texto impresso. In: CHARTIER, R. (Org.) *As utilizações do objeto impresso*. Porto: Difel, 1998.

SERPA, E. C. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

VIÑAO FRAGO, A. Por uma história da cultura escrita: observações e reflexões. *Cadernos do Projecto Museológico*, n. 77, Santarém: Escola Superior de Santarém, 2001.

Fontes/ Documentos:

Oração de São Custódio as 13 Verdades

Oração de São Jorge

Oração de São Romão

Oração de Jesus Christo da cruz de caravaca

Carta “Seleste”

Oração de Sta. Catarina

Recebido em: 03/04/2017

Aceito em: 06/08/2017